



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA  
RITA

# O RATINHO DANINHO

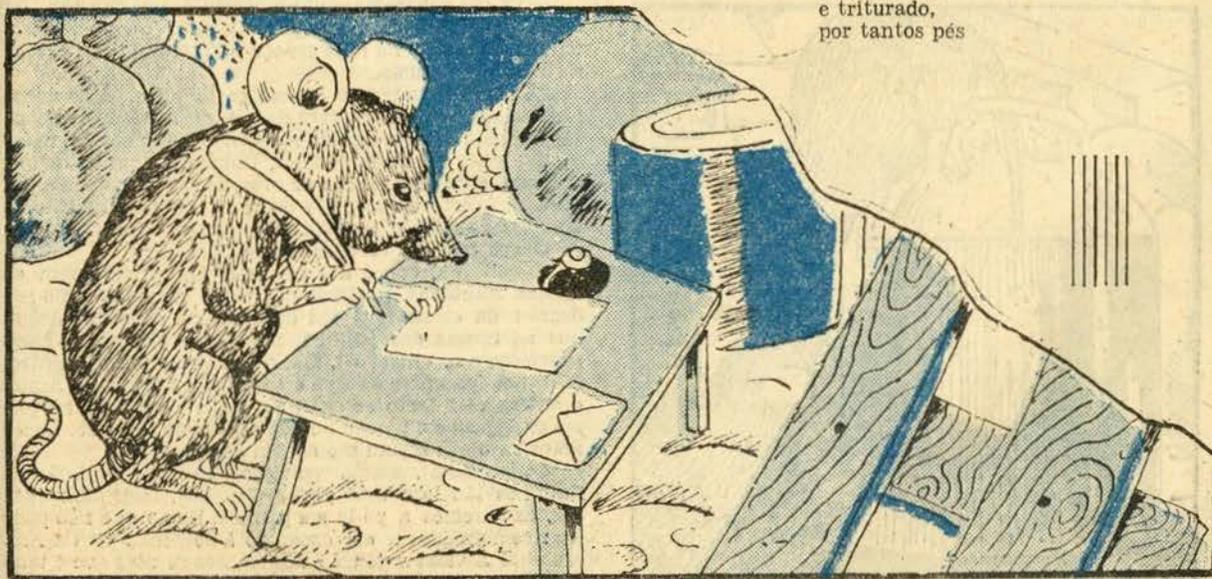
Por ANÃO SÁBICHÃO  
DESENHOS DE A. CASTAÑE

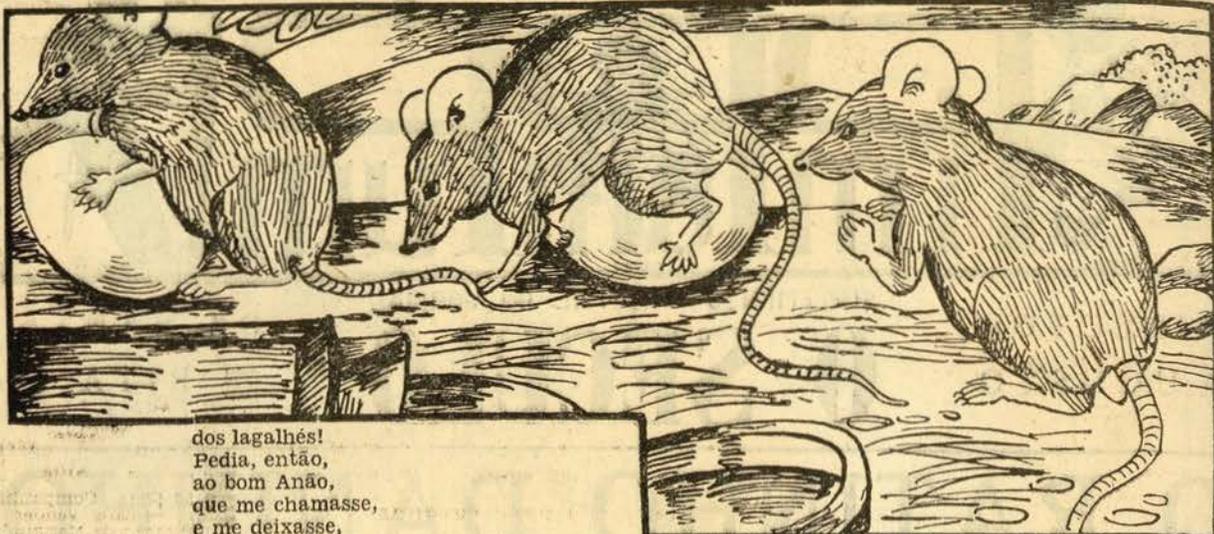
**A** bicharia da bicha dos bichos, cada vez se mostrava mais impaciente para ser ouvida.  
Os pombos correios, logo de madrugada, andavam numa azáfama, a trazerem-me missivas sobre missivas, com pedidos da bicharada.  
Um ratinho daninho escreveu-me assim:

— Senhor Anão  
Dom Sábichão:  
Sou um ratinho  
muito espertinho,  
e com valor,  
para orador.  
Eu bem gostava,  
bem me pelava,  
de vir falar,  
neste lugar.  
Mas, cá na bicha,  
há tanta rixa,  
tanto encontrão,  
tanto puxão,  
que, com franqueza



tenho a certeza,  
fico espalmado,  
tôdo amolgado,  
com o meu rabinho  
esmagadinho,  
tôdo pisado,  
e triturado,  
por tantos pés





dos lagalhés!  
Pedia, então,  
ao bom Anão,  
que me chamasse,  
e me deixasse,  
dizer aí,  
ao pé de si,  
a muita graça,  
que em nossa raça,  
é conhecida.  
E' já sabida  
nossa esperteza,  
tôda a presteza  
dos nossos pés,  
e que revés  
causa um ratinho  
com seu dentinho  
numa dispensa,  
quer seja imensa,  
ou pequenina.  
E' nossa sina,  
tudo roer,  
tudo comer  
e nem um gato  
espanta um rato,  
pois nesse apêrto,  
por sêr esperto,  
é sempre o rato  
que come o gato! —  
Senhor Anão,  
peço atenção,  
p'ró que vos digo.  
Cria-me amigo,  
bem grato e certo

Ratinho esperto. —

Quando acabei de lêr esta divertida arenga, ordenei à coruja velha que chamasse o ratinho.

Ela piou, para a bicha dos bichos:

— Deixem passar o ratinho,  
Não lhe pisem o rabinho...  
Amigo Anão Sabichão  
quer-lhe pregar um sermão. —

Entre a berraria, os apupos e os protestos dos bichos, o ratinho conseguiu furar e apareceu, com as suas orellitas muito espetadas, os seus olhinhos vivos e já pronto a discursar.

— Alto lá! — exclamei eu. — Primeiro tens que me ouvir! Desta vez a bicharia é com razão que está indignada! Vocês ratos, ratinhos, ratazanas, morguênhos e mais rataria, são uma praga para a humanidade! Não servem senão para causar prejuizos nos campos e nas casas, onde tudo destroem! E, ainda por cima, transmitem, pelas pulgas, doenças pestilentas. —

— Porque razão hei-de eu perder tempo em te ouvir? —

— Apoiado! Apoiado! — gritaram muitos bichos da bicha, aprovando êste meu desabafo.

— Tudo isso será verdade! Mas o que não nos podem negar é a nossa inteligência e astúcia! Nisso, nenhum bicho nos leva a palma!...

Nem a rapôsa nos iguala em manhas!...

E, se não acreditam, vou já aqui contar alguns feitos de rataria, para o senhor Anão e os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum» ficarem mesmo de cara à banda!...

— Es um gabarola, muito atrevido, amigo ratinho. Se queres dar à língua, é por pouco tempo! Já publiquei a tua carta e não há hoje espaço para muito mais paleio, no «Pim-Pam-Pum».

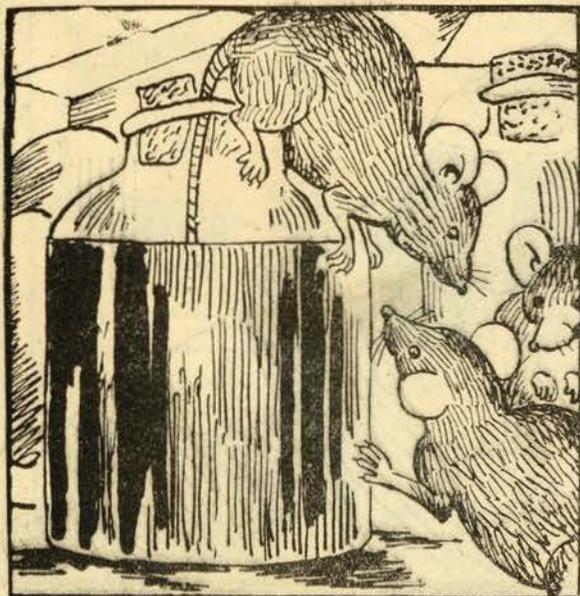
Só farei a narração dumas partidinhas, cá da nossa especialidade, para amostra de que tem fundamento acertado aquela célebre frase; — Esperto que nem um rato!

Eu, mais a minha família, tínhamos, aqui há tempo, decidido levar uma porção de ovos, da capoeira da herdade para um certo esconderijo que nos serve de depósito. O caso era deveras intrincado! Dificilissimo mesmo!...

O que pensam vocemecês que fizemos?

A noitinha, que é a hora mais apropriada para as nossas manobras, postamo-nos, cada um de nós, no seu degráu da escada que vai direitinha à capoeira. Assim que as tansas das galinha, mais os papalvos dos galos adormeceram, entrei eu, muito sorrateiro por ali dentro. Meti um ovo entre o corpo e as patinhas detrás... Assim o entreguei intacto ao outro rato, que o esperava no primeiro degráu e o passou ao que estava no segundo. Desta maneira o ovo seguiu até ao fim da escada.

Conseguimos, assim, surripiar os ovinhos inteiros. Saiu-nos tão bem esta partidinha, que, mais dia menos dia, tornaremos a pô-la em prática. Esta noite não pode ser; combinámos ir em excursão à despensa da tia Ana Moleira. A vèlhotã tem lá uns frascos de dôce que é uma delícia!



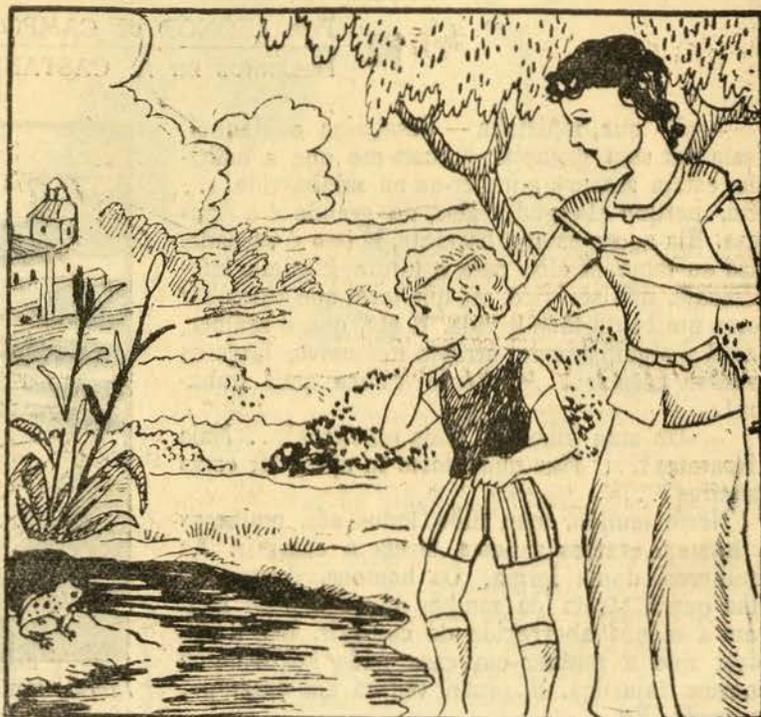
# O ZÉZINHO E O SAPO

Por GRACIETTE BRANCO

— «Que feio bicho!» murmura, surpreendido, o Zézinho, encontrando, no caminho, um sapo, de côr escura.

«Parece que tem peçonha! Entristece o coração! Mas que grande porcalhão! Que tristeza e que vergonha!

Eu preferia morrer a ter esta côr de lama!» Mas a mãe, que o ouve, exclama: — «O que estás tu a dizer?!»



! Porque falas tu daquele, pobre bicho inconsciente, quando, afinal, tu, que és gente, estás mais sujo do que êle?!

Dentro d'água, consolado, vive, com satisfação! E tu, grande porcalhão, só te lavas obrigado!

Deves ter vergonha e mágoa, mas só tu, tem a certeza! Se existe maior tristeza, do que ter mêdo da água!!!

E agora, antes que me cale, ouve o que os nossos Avôs nos diziam com razão: — Em qualquer caso ou questão, nunca, dos outros, se fale sem que olhemos para nós!»

O sapo, que estás a ver, em todos os seus caminhos, aproveita os ribeirinhos lavando-se, com prazer!

===== FIM =====

— Como conseguem vocês meter o nariz dentro dos frascos, demais a mais bem rolhados, como estão — indaguei, pondo em dúvida tanta habilidade. O ratinho não se atrapalhou com a resposta.

— As rôlhas roem-se! Para que servem os nossss dentinhos afiadinhos?

— Mas, depois das rôlhas roídas, como pôdem lambes a calda, seus gulosos? — tornei eu sempre incrédulo.

— Metêmos os rabinhos pelas aberturas que fizemos nas rôlhas e depois lambêmos os rabos, uns aos outros! Percebeu?

— Percebi!... Percebi!... que vocês são os marotos mais cheios de malícia do reino dos animais! Mas deixa estar, pedaço de mariola, que se a caseira mais a tia Ana do Moinho te pilham, vais passar um mau bocado!

— Não haverá ratoeiras traidoras, nem venenos pestilentos que me metam mêdo!

Nem um gato, espanta um rato! Pois, nêsse apêrto, — por ser apêrto! é sempre o rato que come o gato!

Foi assim que o ratinho daninho se despediu da companhia, que, diga-se a verdade, ficou de cara à banda, com tanta esperteza e manha!

===== F I M =====

# A LIÇÃO DA MÃI

(Continuado do número anterior)

■ POR LEONOR DE CAMPOS ■

■ DESENHOS DE A. CASTAÑÉ ■

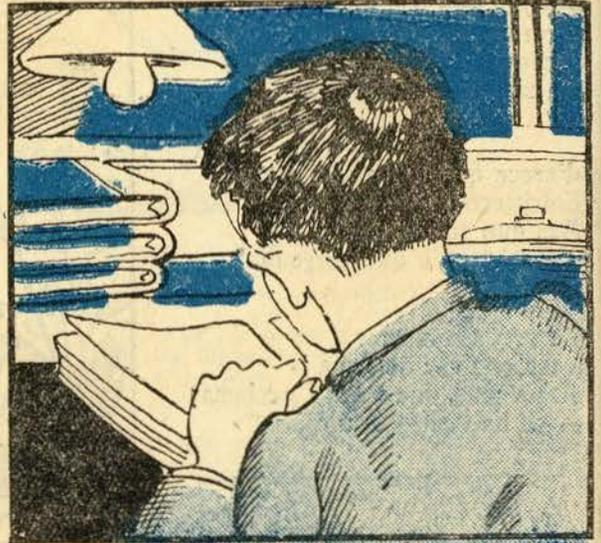
— «E' que, mãizinha — desabafou o Manuel, desta vez sem gaguejar — custa-me que a mãizinha esteja sempre a meter-se na minha vida!... Sim, porque ela pode falar, de grande e à francesa. Ela agora estuda bastante, lá isso é verdade. Mas eu também olho para o futuro. E como, infelizmente, não sou rico, sei que terei que trabalhar como um bruto tóda a vida. E ela, que é mulher, daqui a algum tempo, arranja um noivo, larga os estudos, casa-se... e pronto: nunca mais trabalha!...»

— «Oh meu filho!... Mais patéticos!... Mais disparates!... Mas onde foste tu aprender essas asneiras?...»

Neste mundo, meu filho, todos nós, mulheres e homens, temos a nossa tarefa a cumprir. As mulheres, duma forma. Os homens, doutra. E olha que a tarefa da mulher não é a mais fácil nem a menos aborrecida de cumprir. Isso de se dizer que a mulher em casa nada faz, é duma enorme injustiça. E senão vê: cá em casa, por exemplo. Eu...»

— «A mãizinha é diferente. Eu, quando falo das mulheres, quero sempre referir-me às outras. Nunca penso na minha mãe, que não se parece com mulher alguma!...»

— «Pois aí é que está o mal. A maior parte dos homens, faz como tu: Quando falam de mu-



lheres nunca se lembram de que as suas mãis também são mulheres!...»

E D. Elisa, depois duma pausa, continuou:

— «Tu já pensaste, Manuel, na quantidade de coisas que a mulher, verdadeiramente mulher, tem que saber?»

— «Mas qual mulher, a pobre ou a rica?»

— «Uma e outra!»

— «Uma e outra, não, mãizinha. As pobres têm que saber fazer muita coisa, mas as ricas só precisam de saber vestir-se... e, às vezes, nem isso!...»

— «Pois estás enganado, Manuel. Todas as mulheres, da mais rica à mais pobre, têm obrigação de saber cozinhar, lavar, costurar, varrer, engomar e até encerrar...»

— «Isso são as pobres!... As ricas têm as criadas para fazer tudo isso...»

— «Têm criadas, sim. Mas se não souberem mandá-las e ensiná-las, dentro em pouco o seu lar estará em desordem pavorosa. Os serviçais só farão o que entenderem e como entenderem e,





ainda por cima, troçarão a dona de casa que só lhes dá ordens e conselhos disparatados.

Pensa um pouco, meu filho: Tenho ou não tenho razão?»

— «Lá isso, tem, mãzinha. Nunca me tinha lembrado dessa hipótese!...»

— «Pois bem. E agora vê tu: Além do curso que hoje é indispensável que todas as raparigas tenham, é ainda preciso que elas aprendam, a fundo, o serviço duma dona de casa. E o papel da dona de casa é tão importante como o do marido, do pai ou do irmão. Se a estes compete ganhar o dinheiro para as despesas, à mulher in-

cumbe governá-lo, dirigir os criados, criar, vigiar e educar os filhos, tratar-lhes das roupas e emfim... olhar por que dentro do lar tudo corra na melhor ordem...»

— «Mas há algumas mulheres que não trabalham!...»

— «Sim, meu filho! Assim como há também alguns homens ociosos. Mas isso são seres à parte que para nada servem. São os parasitas, que deveriam ser eliminados da espécie humana...»

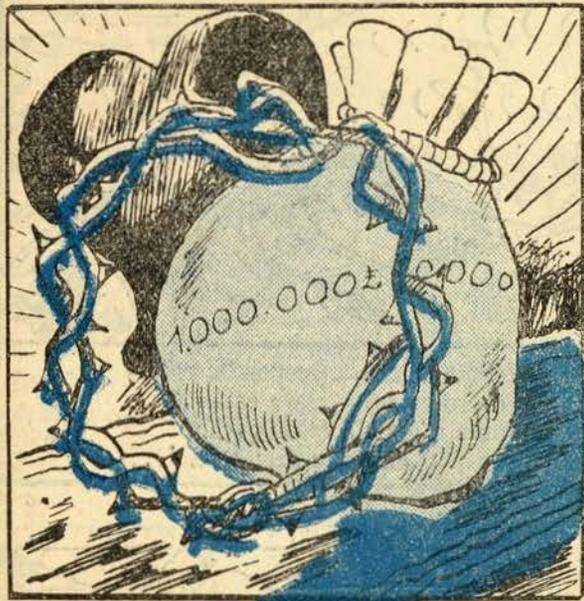
— «Mas as pessoas muito ricas...»

— «Essas, não precisando de ganhar o seu pão dia a dia, têm obrigação de proteger as muito pobres, fundando e dirigindo casas de beneficência, procurando arranjar que fazer aos desempregados, etc. Assim, trabalharão tanto e tão bem como os outros...»

— «Tem razão, mãzinha. Realmente, neste mundo, todos nós temos uma tarefa a cumprir...»

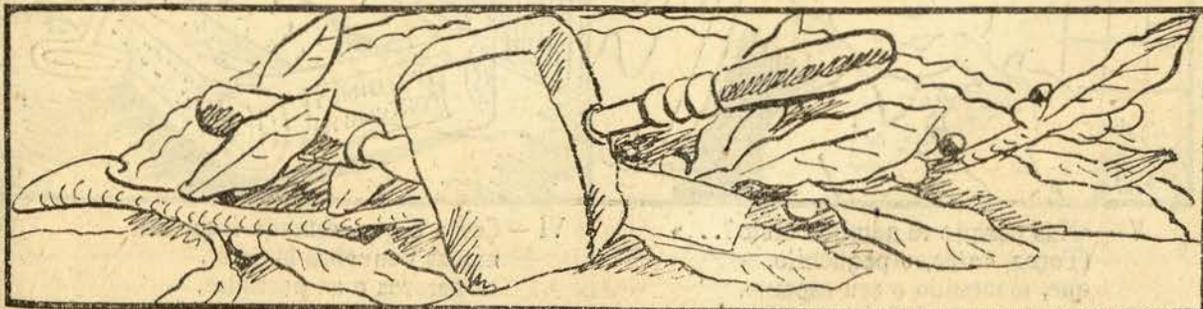
— «Decerto, meu filho. E o que é preciso é que nos conformemos com a nossa missão, procurando torná-la o mais agradável possível, a nós e aos outros...»

— «E agora — concluiu o Manuel, com um sorriso garoto — venham daí duas beijoquinhas de perdão: uma, da mãzinha e a outra, da mana doutora!...»

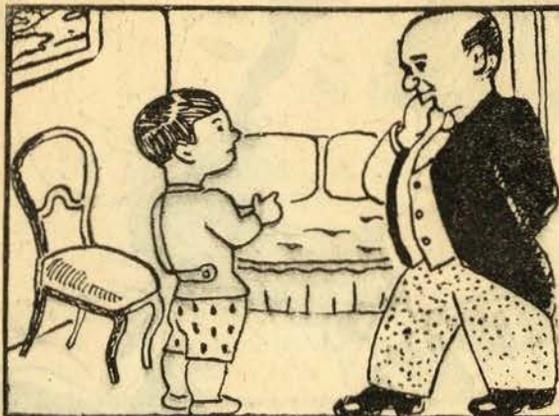


■ ■ F I M ■ ■

D E S E N H O P A R A C O L O R I R



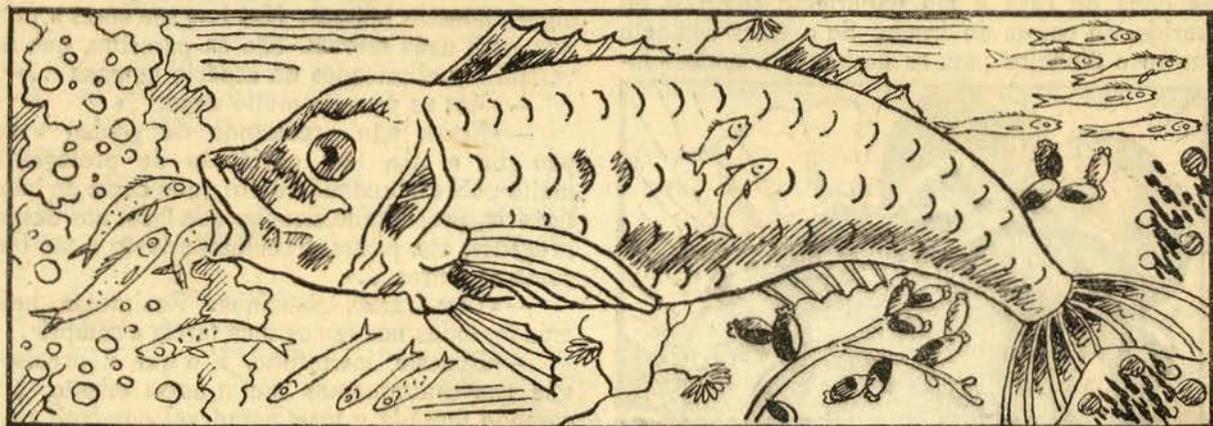
# Ingenuidades do «Zezinho»



I — «Zezinho», que nunca viu o Mar mas sòmente o rio da sua distante aldeia, ouve o seu mestre explicar, tentando dar-lhe uma ideia, o que vem a ser o Mar,

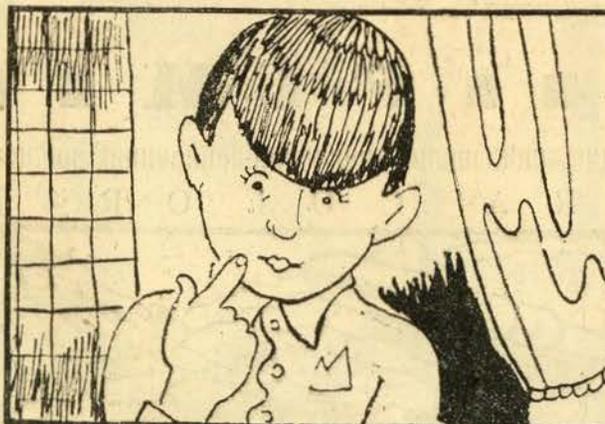


II — Vendo o interêsse do aluno, fala-lhe, então, de Neptuno e das lendárias sereias; dos peixes pequerruchinhos e dos grandes: — dos golfinhos, dos tubarões e baleias.

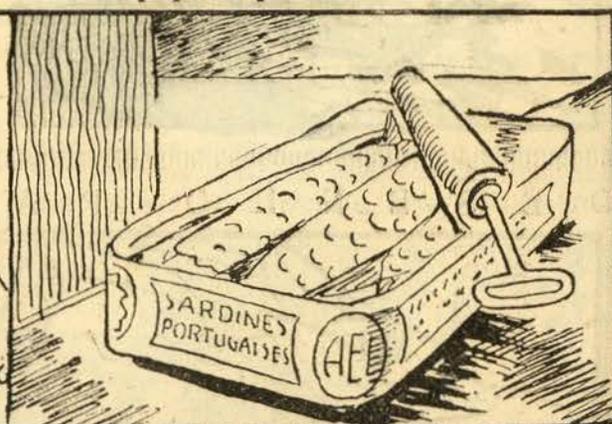


III — Então, o «Zezinho» expande do saber sua ansiazinha, preguntando: — «O peixe grande come também a sardinha?!»

IV — «Pois come, — (responde, então, o professor) — claro está!» ante a grande exclamação do pequeno que diz: — «Ah!...»



V — «Mas porque te admiras tanto?...» (Torna, então, o pequenito, que, mantendo o seu espanto, acrescenta:) — «Acho exquisito!»



VI — Como é que, estando fechadas numas pequenas latinhas, os gorazes e as pescadas, podem comer as sardinhas?!

# O CESTINHO da COSTURA

Querida Fernandinha:

Para fazer este bordado, arranja um bocadinho de pano que tenha 16x20 centímetros e a primeira coisa a fazer é marcar a altura da bainha.

Depois, tiras 6 fios em toda a volta, para fazer o *ajour*.

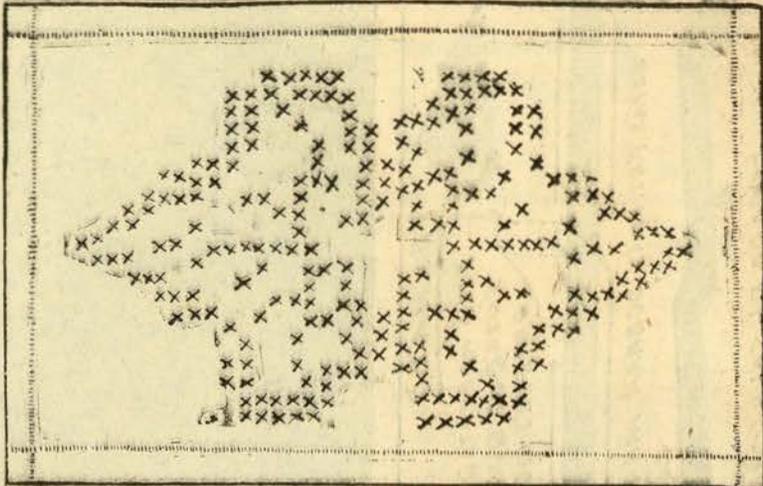
Quando este estiver pronto, arranja um bocado de talagarça, quasi do tamanho do *napperon*, e, contando os pontos do bordado e os fios da talagarça, começa, então, a executar o bordado.

Estou mesmo daqui a ver, Fernanda, que a tua grande vontade, seria que eu te dissesse a cor dele!

Mas isso deixo ao teu gosto, tanto mais que há-de ser em harmonia com a casa para onde o destines, pois ficará mais bonito se for da cor do papel ou do tom predominante da casa. Uma vez acabado o ponto de cruz, puxas, então, pelos fios da talagarça, e estes, saindo facilmente, deixarão o bordado executado com muita perfeição sobre o tecido.

Abraça-te a velha amiga

ABELHA MESTRA



## CONCURSOS CHARADISTICOS

SECÇÃO RECREATIVA

### NUMERO 13 (SUPLEMENTO)

Nota:— Toda a correspondência referente a esta secção deve ser endereçada a *Americo Tabora (Rei do Sêbo)* — «Pim — Pam — Pum» — Rua do Século, 43 — Lisboa.

#### Decifrações do N.º 8

1 — CORTEJO; 2 — Capela; 3 — ANDALUZIA; 4 — Carneiro — Carro.

#### Produtores

#### QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 1 — I. ATIRBAC ... 10 votos  
N.º 3 — D. RUFÁ..... 3 »

#### OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 2, de «Chalet d' Ossos», 2 votos;  
n.º 4, de «A. Seravata», idem.

#### Decifradores

#### QUADRO DE HONRA

Anjocarfer, António C. Abreu, Ariévilo, Barba Azul, Béu, Dália de Jesus, Dois Manos, Fernando R. Cunha, Fernandes, Lilicas, Noémia, Romualdo Teles Santos, Um decifrador, Zarb (?), Zéca, Zé Gaspar, Zé Guinoro, Zeuzinho.  
(Decifraram 4 — Totalidade)

#### QUADRO DE MÉRITO

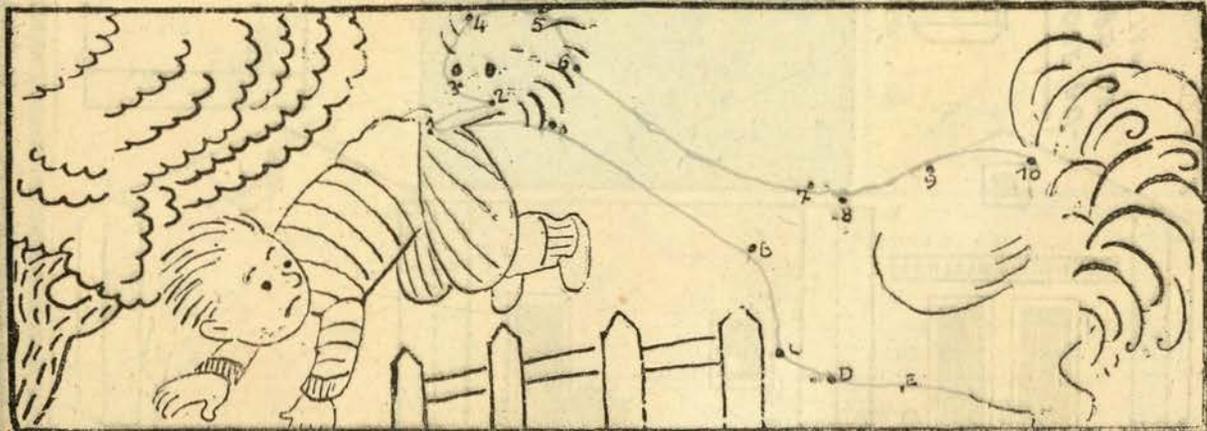
Alfredo Matos..... 3

### AVISO

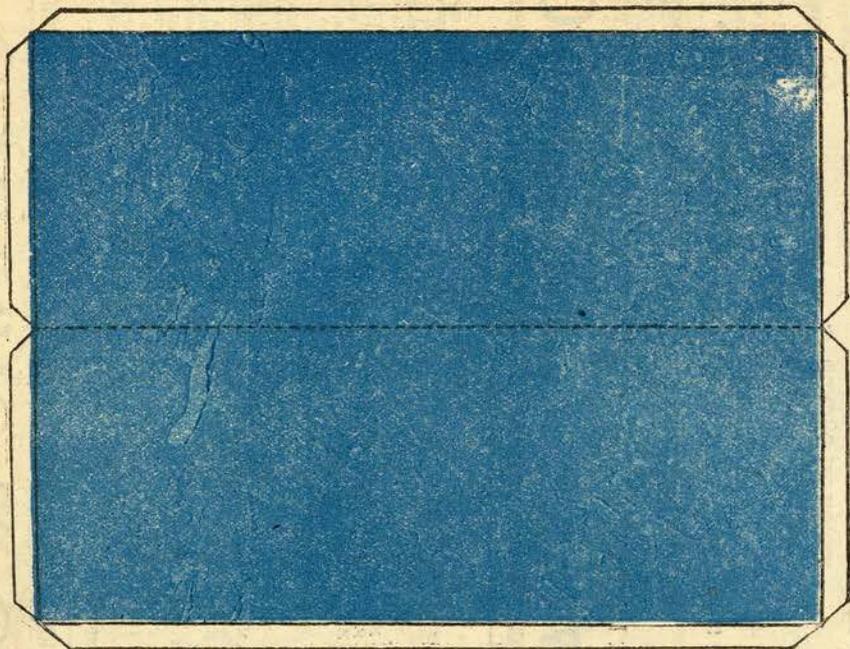
Como temos recebido várias listas de decifrações sem a votação respectiva, avisamos todos aqueles que assim procedem, de que, de futuro, essas listas serão anuladas.

A partir do segundo concurso vamos-nos obrigados a cumprir rigorosamente este preceito do regulamento.

## A D I V I N H A



Meus meninos: Este menino vai a fugir dum bicho que lhe quiere morder. Ligando os numeros e as letras por meio dum traço, conseguem saber de que bicho se trata.



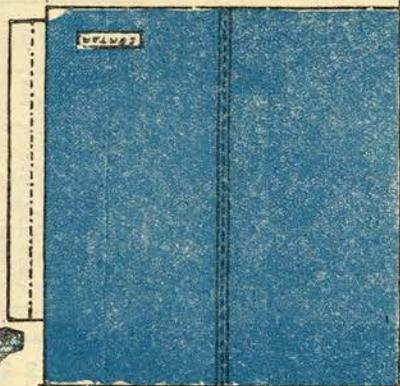
**TELHADO**

FICA «APERTADO»  
ENTRE AS QUATRO  
PAREDES DO EDIFÍCIO.



ESTAS PATILHAS DOBRAM PARA CIMA E  
SÃO COLADAS A ESTA PEÇA  
DE BAIXO, PELA  
PARTE DE DENTRO.

**ESCALA DE SALVAÇÃO**



**CHAMINÉ**

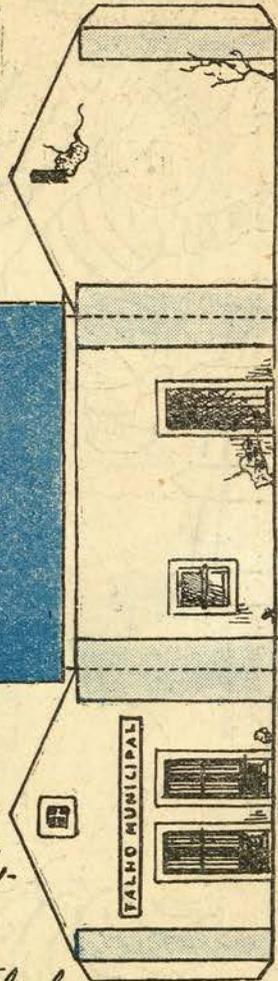
**ESQUEMA**

VISTO PELA PARTE  
DE DENTRO



A FÔLHA QUE HOJE PU-  
BLICAMOS É A 18ª DE  
«UMA VILA COMPLETA».

935- Américo Taborada.



BRASIL